

Zero Hora – 12/11/2009

BRASIL ÀS ESCURAS: O raio de Itaberá

Quando em 1999 um apagão muito semelhante ao que deixou 60 milhões de brasileiros no escuro na noite de terça-feira, técnicos ironizaram a explicação oficial apelidando o episódio de "o raio de Bauru". Ontem, foi a vez de o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, oferecer a versão do "raio de Itaberá" para o gigantesco desligamento do sistema elétrico nacional.

- Todos chegaram à conclusão de que o que aconteceu foram descargas atmosféricas, ventos e chuvas muito fortes na região de Itaberá (SP), o que provocou curto-circuito em três circuitos - recitou o ministro.

Horas antes, técnicos do Grupo de Eletricidade Atmosférica do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais haviam considerado "mínimas" as chances de um raio ter provocado o blecaute. Além da causa, o apagão versão 2009 desencadeou debates sobre a vulnerabilidade do Sistema Interligado Nacional (SIN), que conecta o país.

Afinal, foi a proteção do sistema que provocou desabastecimento de ao menos quatro horas em 800 cidades, o equivalente a 40% da energia do país. Especialistas enfatizam a diferença entre o episódio deste ano e a crise de 2001, quando não havia oferta suficiente para atender ao consumo, mas propõem aperfeiçoamento na gestão como forma de evitar novos incidentes.

- O nível de risco não é alto. O sistema é inteligente, deveria ter isolado automaticamente outras linhas para não propagar o apagão. Pode ter ocorrido uma falha de gestão, até humana - avaliou Roberto Schaeffer, professor do Programa de Planejamento Energético da Coppe/UFRJ.

Um sistema à prova de erro é possível, admite Schaeffer, mas custaria caro. O especialista compara o sistema elétrico a um Boeing 747, que tem quatro turbinas para suportar a perda de duas e se manter voando. Em termos ideais, poderia ter 18 turbinas, mas isso tornaria a aeronave muito cara.

- Tudo poderia ser duplicado, mas a tarifa seria 10 vezes o que é hoje. Será que um grande apagão a cada 10 anos não é um preço mais baixo a pagar? - indaga Schaeffer.

- O nível de robustez está limitado por quanto a sociedade vai querer pagar. Quanto o consumidor estaria disposto a pagar pela ampliação da segurança? É uma resposta complexa que tem de ser obtida tecnicamente - reforça Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, que representa os investidores.